

2º CICLO

LIÇÃO 5

ESTUDO E INICIAÇÃO DO CAMPO FÍSICO:

CHAKRA RAIZ - MŪLĀDHĀRA

Chamado de Centro Raiz, Fundamental, da Base ou Básico, literalmente significa "Suporte Raiz" (**mūla** = raiz; **adhāra** = suporte). Localiza-se na região do períneo (entre o ânus e o sexo) e comanda as atividades das glândulas supra-renais, as funções excretoras (urinárias, através da bexiga e fecais, pela ampola retal) e toda a musculatura suprida pelo plexo sacro (raízes que se estendem de L4 à S3). Esses músculos são: ísquios-tibiais, musculatura posterior da perna, os músculos intrínsecos do pé, músculos anteriores e laterais da perna, músculos da bacia, músculos da genitália externa, esfíncter do ânus.

Sua energia manifesta-se por sua capacidade de ação, habilidade e organização. O sentimento de posse, a necessidade de sobrevivência e a consciência da realidade, quando desenvolvidas por este **chakra**, dão aspectos a este centro de um profundo centramento, autoconhecimento e um grande desejo de ser e existir como centelha espiritual que é, mas mergulhada na materialidade do mundo. A auto-afirmação e a aceitação de si mesmo são também características deste centro e que conferem o domínio sobre os instintos. O **chakra** da Raiz tem a função de atrair a energia da terra, para nutrir os centros superiores, enquanto ancora na terra as energias celestiais. Para isso, torna-se necessário a nossa verticalização para que possamos absorver melhor a vitalidade doada pela Grande Mãe, a Terra. Através da verticalização, desenvolvemos um contato mais profundo com a nossa essência celestial, porque temos a oportunidade de enraizá-la e ancorá-la e, desta forma, fazer fluir a energia da essência.

Quando o **mūlādhāra chakra** encontra-se com uma inibição de energia significa que o indivíduo desenvolveu uma apatia, desânimo, falta de comando na vida material, negando suas necessidades básicas de sobrevivência e sem assumir suas responsabilidades, buscando sempre atenuantes que justifiquem seu comportamento; frequentemente, tais indivíduos não se sentem vinculados ao mundo e desenvolvem um grande medo da vida. Se este **chakra**

estiver com uma congestão energética, é porque a pessoa desenvolveu a agressividade, a cobiça, a avareza, a brutalidade, a avidez e o materialismo excessivo, tornando-se altamente apegado às suas necessidades materiais e ignorando seus aspectos sentimentais.

O **mūlādhāra chakra** torna-se equilibrado quando o indivíduo se desidentifica de suas características instintivas e animais, exercendo controle sobre a agressividade e brutalidade. A clareza do momento presente (aqui-agora), o senso de organização e de administração, a habilidade e facilidade para falar, a honestidade e responsabilidade com seus compromissos desenvolvem o equilíbrio e fluidez energética deste **chakra**. Manifestamos a mais genuína característica do **mūlādhāra chakra** através do **dharma**, ou seja, quando descobrimos nosso propósito na vida e avançamos pelo caminho com retidão, ordem e firmeza.

Este **chakra** possui em sua simbologia um lótus de quatro pétalas na cor vermelha escarlate, com os respectivos **mantras: vaṁ, śaṁ, ṣaṁ, saṁ**. Dentro do lótus encontra-se um quadrado amarelo ocre, simbolizando o **yantra** deste centro que representa o **tattva pṛthivī** (elemento do **mūlādhāra** que significa terra). No centro do lótus encontra-se o **bija mantra "Lam"** que deve ser entoado, assim como o **mantra** das pétalas, na nota musical Dó.



mūlādhāra chakra

O quadrado representa a base, o fundamento, sendo a figura geométrica mais estável. Ele representa ainda a própria Terra, com suas quatro direções, quatro estações. No homem, representa as quatro fases da realização (querer, saber, ousar e calar) e seus quatro objetivos (**puruśārtha**): segurança (**artha**), prazer (**kama**), visão do fruto da ação (**dharma**), liberação (**mokṣa**). Sua cor amarela ocre é o símbolo da própria terra, da fixação, da firmeza e estruturação.

O animal deste **chakra** é **Airavata**, o elefante, possuidor de sete trombas, que representam as sete cores do arco-íris, as sete notas musicais, os sete planetas formadores da personalidade e os sete **dhātus** (constituintes corporais): **rasa** (plasma), **rakta** (sangue), **māmsa** (músculo), **medha** (gordura), **asthi** (ossos), **majjā** (nervos), **śukra** (sêmen ou mênstruo). O elefante tem passos firmes, lentos e pesados; sua corpulência o faz ocupar um grande espaço. É um animal que além de viver muito anos, vai em busca de sua sobrevivência, se auto-provendo. Costuma trabalhar muito, com tarefas braçais e as realiza com humildade.

O movimento da energia é **apāna vāyu**, que se localiza na região infra-abdominal e é responsável pela função de defecação, micção e menstruação. Assim como parte do alimento processado é assimilado no intestino delgado por **samāna vāyu**, outra é capturada por **apāna vāyu** para ser excretada. Da mesma forma a água e os sais minerais que não são aproveitados nos rins por **prāṇa vāyu** e o tecido endometrial que se transforma em mênstruo e não é aproveitado por **vyāna vāyu** são eliminadas por **apāna vāyu**.



muṣṭi mudrā

A meditação no **mūlādhāra chakra**, visualizando seu **yantra** (quadrado amarelo ocre), entoando o **bija mantra** da terra "**Laṁ**" e fazendo **muṣṭi mudrā**, desenvolve o vigor, a resistência, a força de vontade, a firmeza, a capacidade de sobrevivência, a percepção do momento presente associado ao passado e futuro. Traz a força espiritual contida no conhecimento da energia **kuṇḍalinī** e nos coloca no caminho correto, ou seja, no **dharma**.

A má energização do **mūlādhāra chakra** pode causar distúrbios das supra-renais como insuficiência (Doença de Addison) ou hiperfunção (Mal de Cushing), hemorróidas, ptose perineal, transtornos circulatórios nas pernas (varizes, flebite, erisipela, etc.), distúrbios da micção (urgência ou incontinência urinária) ou da defecação (fecaloma), artrites ou artroses nas articulações do quadril, joelho, tornozelo e artelhos, deformações nos membros inferiores como pé cavo ou plano, calcâneo varo ou valgo, tibia ou joelho varo ou valgo.

ESTUDO E INICIAÇÃO DO CAMPO SUTIL:

O PRINCÍPIO DO KARMA (2ª PARTE)

Quando iniciamos esta vida, cada um de nós vem de um longo passado que abrange muitas vidas, devido ao **samsāra** ou ciclo de nascimentos e mortes. Assim que reencarnamos, trazemos conosco o **karma** bom (**puṇya**) e mau (**pāpa**) que produzimos. A totalidade do **karma** de uma Alma ou a força da atuação de retorno das formas-pensamento acumuladas de todas as suas vidas passadas é conhecido na filosofia hindu como **saṃchita karma** ou “ação acumulada”.

Quando a Alma reencarna, a atuação do **karma** é cuidadosamente ajustada pela ação do **dharma**, de maneira que o **karma** possa produzir, como resultado final, um acréscimo de bem, mesmo que seja pequeno. Se por ocasião do nascimento, todo o **karma** fosse posto em ação, a Alma não teria coragem nem força para enfrentar e vencer a batalha da vida, pois sua existência seria tragicamente massacrada pela dor e tristeza. Portanto, a fim de que a Alma possa lutar, vencer e adicionar **puṇya** (merecimento) ao **karma**, a Ordem Cósmica do Amor faz um cuidadoso ajustamento para cada Alma, pelo qual nomeamos de **dharma**.

Tal ajustamento é feito, de acordo com a Ordem Cósmica do Amor, pelos “Senhores do **Karma**”, que são entidades dos planos superiores de existência, agindo como árbitros do **karma**. Eles não recompensam nem punem, apenas se limitam a ajustar o **karma** da própria Alma, conforme o seu **dharma**, a fim de ajudá-la a dar um passo adiante na evolução.

Os “Senhores do **Karma**” organizam certa quantidade e qualidade de **karma** para a nova existência física da Alma. Esta parcela do **karma**, com que cada Alma começa a sua encarnação, chama-se **prarābdha karma** ou “ação inicial”. No **karma** acumulado durante as encarnações (**saṃchita karma**), a atuação construtiva e integradora é menor que a destrutiva e desintegradora, devido à ignorância da Alma. No **karma** inicial de uma vivência esta relação se modifica, pois, a quantidade de bom **karma** (**puṇya**) desta vida aumenta proporcionalmente em relação ao somatório dos bons **karmas** de toda a existência, apesar de continuar menor que **pāpa** (o mau **karma** inicial).

O **prarābdha karma** se extingue quando a Alma chega ao término da vida física. Mas, todo **karma** produz “trabalho”, e deste trabalho a Alma cria novo **karma** em razão de suas reações, conforme a sua evolução. Se seus sofrimentos lhe ensinam a resignação e a simpatia, se suas aflições o incitam a reparar as suas faltas passadas, o novo **karma** gerado será bom e não mau. Mas, se experimenta ressentimento, torna-se insensível e uma fonte de sofrimento para outros, então o novo **karma** é mau. O novo **karma** criado chama-se **agami karma**.

É através do **agami karma** que a Alma adquire a possibilidade de evoluir, diminuindo a quantidade de **pāpa**, o mau **karma**. Mas, enquanto a Alma não compreende o Propósito Divino para a Criação, não se operam nela grandes mudanças de uma vida para outra; existem altos e baixos na boa e má sorte, sofrimentos e alegrias que se sucedem à medida que os anos passam e as vidas se seguem. Somente quando a Alma, definitivamente, decide servir o Plano Cósmico Divino e a viver para um desenvolvimento construtivo seu e de seus semelhantes, é que ocorrem grandes mudanças em seu **karma**, acelerando seu processo evolutivo. Então seu progresso é rápido, de vida em vida, na razão de uma progressão geométrica.

"Quem age sem perder o repouso interno, e quem vê atividade na inatividade – esse é um sábio; quer ativo, quer inativo, sempre realiza o seu dever e age corretamente. O seu trabalho é livre da maldição do egoísmo; o seu desejo de recompensa foi consumido no fogo do conhecimento sagrado – esse é um santo, porque santo é o espírito que o anima. Não se compraz em nenhum fruto do seu trabalho nem se apega a objeto algum da natureza; habita, sempre sereno, na paz de seu Eu, porque sabe que não é ele que age, mesmo quando realiza alguma obra. Não espera lucro nem receia perda; vive todos em si mesmo, senhor dos seus sentimentos e pensamentos, enquanto age, rei no reino de sua alma."

(Bhagavad Gītā, IV, 18-21)

No dia em que a humanidade reconhecer esta verdade contida na **Bhagavad Gītā**, vivenciando-a, nada mais será preciso para sua libertação. A natureza não pode reduzir à escravidão a Alma que conquistou o poder pela sabedoria e que apenas se utiliza dele no amor.

Compreender o **karma** na plenitude de suas operações e de sua significação requer a sabedoria de um Mestre; mas, compreender o princípio que rege a Lei Natural do **Karma** é revolucionar a concepção sobre as possibilidades da vida e de si mesmo.

ESTUDO E INICIAÇÃO DO CAMPO ESPIRITUAL:

GRAUS DE OBSESSÃO

Como já vimos, na obsessão, o espírito atua exteriormente, com a ajuda de seu campo energético, que ele identifica com o do encarnado, ficando este enlaçado por um espectro energético como uma teia e constringido a proceder contra a sua vontade.

A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constringimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades se classificam em três graus distintos, de intensidade crescente, a saber: a **obsessão simples**, a **fascinação** e a **subjugação**.

A **obsessão simples**, que é de baixa intensidade, geralmente denominada de influência espiritual, caracteriza-se pela ação de uma entidade malfazeja, que se impõe, se imiscui na vida da pessoa, causando-lhe inúmeros desconfortos. Neste grau de obsessão, o indivíduo sabe muito bem que se acha refém de um espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. Este grau de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de criar obstáculos. Podemos incluir aqui os casos de manifestações ruidosas e obstinadas de alguns espíritos, que provocam audições, espontaneamente, de pancadas ou outros ruídos, perturbando o ambiente e as pessoas que lá convivem.

A obsessão simples apresenta, porém, alguns sinais que surgem esporadicamente, mas que se podem repetir e agravar, com o passar do tempo, se nada for feito para neutralizá-

los. Os sinais mais comuns são: irritação, ciúme, inveja, ideia de perseguição, amargura, ansiedades, doenças-fantasma, orgulho, arrogância, irreverência, atitudes debochadas ou inconvenientes etc. De alguma forma a pessoa passa a adotar comportamentos mais marcantes, diferentes do usual, que surpreendem os que a conhecem melhor.

A **fascinação** tem conseqüências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta de determinadas entidades sobre o pensamento da pessoa e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações que recebe. A pessoa fascinada não acredita que o estejam enganando: a entidade tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que a impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que fala, escreve ou faz, mesmo quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem ou atitude mais ridícula.



É um grande engano acreditar que a este grau de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e desprovidas de bom senso. Delas não se acham isentos nem os homens de mais respaldo espiritual, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

Já dissemos que muito mais graves são as conseqüências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o espírito perverso conduz o indivíduo a quem ele se apoderou, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas. Desta forma, compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que as entidades trevosas que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o obsessivo que se agarra à pessoa não passa de um

importunador pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por envelar-se. Na segunda, o processo é muito diverso. Para chegar a tais fins, é preciso que o obsessor seja destro, ardiloso e profundamente hipócrita, porquanto não pode realizar seus feitos e se fazer acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos – caridade, humildade, amor de Deus – lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de um ser menor e de baixo nível de consciência, que só o fascinado não é capaz de perceber. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que veem claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos.

A **subjugação**, que é o grau de maior intensidade, é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo. A subjugação pode ser moral ou corporal. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é como na fascinação. No segundo caso, o obsessor atua sobre os órgãos sensório-motores e provoca movimentos involuntários. Traduz-se, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, ainda nos momentos mais inoportunos.

Por exemplo, o caso de um homem que não era jovem nem bonito, mas dominado por uma obsessão dessa natureza. Via-se obrigado por uma força irresistível a se ajoelhar diante de qualquer jovem, que nunca tinha visto, e pedi-la em casamento. Outras vezes, sentia nas costas e nas pernas uma pressão tão grande que o forçava, apesar da sua resistência, a se ajoelhar e beijar a terra nos lugares públicos diante da multidão. Esse homem passava-se por louco entre seus conhecidos, mas certamente não era um caso de loucura, porque tinha plena consciência do ridículo que fazia contra a sua vontade e sofria horrivelmente com isso.

No passado classificou-se como sendo uma possessão, pelo império exercido por espíritos malignos, quando a influência deles ia até à aberração das faculdades da vítima. A possessão seria, para nós, sinônimo da subjugação. Por dois motivos deixamos de adotar esse termo: primeiro, porque implica a crença de seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, enquanto que não há senão seres mais ou menos

imperfeitos, os quais todos podem melhorar-se; segundo, porque implica igualmente a ideia do empoderamento de um corpo por um espírito estranho, ou seja, de uma espécie de coabitação, ao passo que o que há é apenas constrangimento. A palavra subjugação expressa perfeitamente a ideia. Assim, para nós, não há possessos, no sentido vulgar do termo, há somente obsidiados, subjugados e fascinados.

EXERCÍCIO Nº 17

Finalidade: injetar energia da natureza (Terra) no corpo, estimulando o sistema orgânico e aumentando sua imunidade. Contra invasores orgânicos.

Preparação: com o corpo e as roupas limpas, procurar um local agradável, arejado e com boa energia.

Execução: colocar a palma da mão esquerda, em forma de concha, no braço direito, na dobra do cotovelo, onde se aplicam as injeções intravenosas. Manter uma respiração profunda e consciente, imaginando que está captando **prāṇa**. Fazer este exercício por três minutos muitas vezes durante o dia.